

DESAFIOS DO ENSINO DE HISTÓRIA EM UMA ESCOLA INDÍGENA DE MATO GROSSO DO SUL (OU DE COMO OS KADIWÉU TORNARAM-SE "ANTROPÓLOGOS DE SI MESMOS")¹

Professor Especialista em Antropologia e Mestrando em História Giovani José da Silva

Escola Municipal Indígena "Ejiwajegi" – Polo e Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Dourados

INTRODUÇÃO

O Território Kadiwéu, juridicamente denominado "Reserva Indígena Kadiwéu" e regionalmente conhecido como "Campo dos Índios", é uma área de aproximadamente 538. 536 hectares de extensão demarcada definitivamente desde meados da década de 1980. Está localizado inteiramente no município de Porto Murtinho, Estado de Mato Grosso do Sul. Possui, atualmente, cinco aldeias: Bodoquena (antiga Alves de Barros) e Campina, ao Norte; São João, Tomázia e Barro Preto, ao Sul. A Fundação Nacional do Índio (FUNAI) administra a área através de dois Postos Indígenas e o acesso às aldeias é realizado através dos municípios de Bonito e Bodoquena, pela falta, até o momento, de estradas intramunicipais em condições adequadas de tráfego, pois a região encontra-se em parte do Pantanal sul-mato-grossense. A maior e mais populosa aldeia, onde realizei a experiência de ensino em História relatada, é a Bodoquena, aos pés da serra de mesmo nome e distante da cidade homônima cerca de 55 quilômetros.

O *Censo Kadiwéu 1998*, realizado pela Prefeitura Municipal de Porto Murtinho, revelou a seguinte população por aldeia:

Barro Preto.....37 habitantes

Bodoquena954 habitantes

Campina.....74 habitantes

São João.....195 habitantes

Tomázia.....88 habitantes

Total da população do Território

Indígena Kadiwéu em 1998.....1.348 habitantes²

Desse total, a maioria absoluta é Kadiwéu, havendo uma pequena parcela da população formada por índios Kinikinawa, Terena, Kayapó, Guarani-Kaiowá e não índios.

Os Kadiwéu se autodenominam *Ejiwajegi* (lê-se "edjúadjegui") e são os remanescentes no Brasil dos Mbayá-Guaikuru, os célebres "Índios Cavaleiros", tendo em vista a destreza com que

utilizavam o cavalo em suas incursões guerreiras nos séculos XVII, XVIII e XIX. Dividiam-se em vários subgrupos, conhecidos no século XVIII como Apacaxodegodegi, Lixagodegogi, Eyibegodegi e Cotocogegodegi, na margem oriental do rio Paraguai; na margem ocidental, no interior do Grande Chaco, ficavam os Goetiadegodi e os Cadigegodi. Estes últimos têm como representantes contemporâneos os Kadiwéu. Em fins do século XIX e começo do século XX, já se encontravam sedentarizados no território atualmente demarcado³. Hoje, vivem distribuídos principalmente em quatro aldeias localizadas no Território Indígena Kadiwéu: Barro Preto, Bodoquena, Campina e Tomázia. Cada uma delas possui liderança própria (cacique e vice-cacique), escolhida pela comunidade e um conselho tribal, formado pelas pessoas mais velhas e influentes das aldeias. Os Kadiwéu são falantes da língua Guaikuru e são os únicos representantes dessa família lingüística no Brasil. Na aldeia São João vivem algumas famílias Kadiwéu, mas a maioria da população local é Kinikinawa.

Os Kinikinawa, que se autodenominam *Xané* (lê-se "tcháané"), pertencem ao antigo grupo Guaná e, portanto, estão filiados à família lingüística Aruak, sendo falantes do idioma Kinikinawa. Foram dados como extintos na segunda metade do século XX, nos trabalhos etnográficos de Roberto Cardoso de Oliveira sobre os Terena. No prefácio à obra *Do índio ao bugre*, Darcy Ribeiro escreve que "através dos últimos 150 anos de interação com a nossa sociedade, os diversos grupos Guaná vieram fundir-se, restando, em nossos dias, um apenas, os Terêna, que passaram a reunir todos os sobreviventes da tribo"⁴. No passado, mantinham relações intersocietárias com os Mbayá-Guaikuru e historicamente desempenharam um papel decisivo na economia regional do sul de Mato Grosso no século XIX, tendo participado da guerra contra o Paraguai. Foram "os primeiros que subiram a Serra do Maracaju, pelo lado aliás mais íngreme e se estabeleceram na belíssima chapada que coroa aquela serra"⁵. Atualmente encontram-se na Aldeia São João, para onde, segundo eles próprios, foram levados em meados da década de 1930, pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI), num retiro às margens do rio Aquidabã e próximo à Serra da Bodoquena, com o objetivo de garantir a posse daquelas terras pelo povoamento.

Sabe-se da existência de escolas presentes no Território Kadiwéu desde a década de 1950. Até 1997 as escolas localizadas nas aldeias Kadiwéu e Kinikinawa ofereciam somente as quatro séries iniciais do Ensino Fundamental e eram administradas pela FUNAI, em parceria com a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul, missões evangélicas, Secretarias Municipais de Educação de Bonito e de Bodoquena e o então *Summer Institute of Linguistics*, hoje Sociedade Internacional de Lingüística (SIL). Saliento que em nada diferiam das escolas públicas encontradas comumente no meio rural brasileiro, com problemas de atraso de pagamento de salários aos professores, falta de merenda escolar e de material didático-pedagógico, entre outros. Essa situação, felizmente, mudou muito nos últimos anos. As escolas localizadas no Território Kadiwéu

atendem, hoje, cerca de 250 alunos indígenas da Educação Infantil ao Ensino Médio e nelas trabalham onze professores, sendo a maioria índios.

Meu primeiro contato com essa sociedade indígena ocorreu em meados de 1997. Eu havia saído de São Paulo, capital, e ido para Porto Murtinho para ministrar aulas de História e Geografia (Ensino Fundamental) na rede pública municipal de ensino. Como era interessado pelas questões indígenas desde o início do curso de graduação em História (concluído na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Aquidauana, em 1995), fui chamado pela Prefeitura para avaliar a situação dos índios. Em um ano de contato sistemático observei o quanto as escolas presentes na área eram precárias e não correspondiam aos anseios das comunidades. A partir de então, me dispus a colaborar com a Prefeitura, para regularizar a situação das escolas, de modo que viessem a fazer parte da Rede Municipal de Ensino de Porto Murtinho, o que aconteceu no final de 1998.

Assim, em dezembro daquele ano foi criada, por Lei Municipal (n.º 1.149/ 98), a Escola Municipal Indígena "Ejiwajegi" – Polo, na aldeia Bodoquena, e Extensões nas aldeias Barro Preto (Extensão Barro Preto), Campina (Extensão Campina), São João (Extensão Aquidabã) e Tomázia (Extensão Tomázia). No início de 1999 foi organizado o primeiro Quadro Curricular, com a inclusão de Língua Indígena como um dos componentes curriculares obrigatórios. Uma das metas de curto prazo estabelecidas pelos índios foi o afastamento de todos os professores não índios dos anos iniciais do Ensino Fundamental. O maior problema a ser enfrentado, era o fato de que a maioria dos candidatos indígenas apresentados pelas comunidades, para ocupar vagas de professor, não tinha sequer o Ensino Fundamental completo. Dessa forma, em 1999, foram planejados e executados cursos de *Formação Lingüística e Metodologia do Ensino na Escola Indígena*, em parceria com a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e, ainda, a 1ª Etapa de Capacitação Continuada de Professores do Território Indígena Kadiwéu. A Prefeitura Municipal de Porto Murtinho concedeu uma bolsa de estudos a mim, para que me especializasse em Antropologia, o que me manteve afastado por mais de sete meses na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), em Cuiabá.

Entretanto, não era só a regularização da escola que estava em jogo: os índios mostravam-se descontentes com o fato de que os estudos na aldeia se encerravam na 4ª série do Ensino Fundamental. Quem desejava continuar estudando, deveria procurar as cidades e, por essa razão, quase todos paravam de estudar. Esse impasse foi resolvido no ano 2000, quando pedi para ser transferido para a recém-criada E. M. I. "Ejiwajegi" – Polo. Nesse ano, além da instalação de duas classes de 5ª série, devido à enorme demanda escolar, ocorreram a 2ª e a 3ª Etapas de Capacitação Continuada e em 2001 foi implantada a 6ª série. Cansados de depender dos não índios e sentindo a necessidade de formação de quadros indígenas competentes, para dar continuidade aos trabalhos

escolares, as comunidades indígenas Kadiwéu e Kinikinawa solicitaram ao poder público municipal um Curso Normal em Nível Médio.

A Secretaria Municipal de Educação, Esporte e Lazer, realizou, então, o Encontro Preparatório ao Curso de Formação de Professores do Território Indígena Kadiwéu, em julho de 2001. Desse Encontro, e das discussões que se seguiram a partir dele, surgiu o *Projeto Kadiwéu e Kinikinawa*, de Formação de Professores em Nível Médio. Eu previa dificuldades desde o primeiro encontro com os Kadiwéu, pelo fato de ser um não índio em contato direto em sala de aula com crianças indígenas, falantes de um outro idioma e com costumes tão diversos dos meus. A vinda de um amigo, professor e também sociólogo, José Luiz de Souza, para me acompanhar nesta verdadeira "aventura" pedagógica ajudou-me muito. Não havia outros professores não índios dispostos a ministrar aulas na aldeia, por causa das dificuldades (falta de energia elétrica, água potável, entre outras) e do preconceito. Hoje, eu e José Luiz continuamos o trabalho pedagógico junto aos índios e estamos envolvidos no programa de formação de professores indígenas, a fim de que daqui há algum tempo, mais precisamente a partir do final de 2004, eles mesmos possam estar à frente de todo o trabalho escolar.

A EXPERIÊNCIA DE ENSINO EM HISTÓRIA

No tocante à disciplina História, meu desafio sempre foi e continua sendo o de mostrar aos alunos e alunas Kadiwéu o quanto a cultura indígena é importante, revelando sobre os modos de ser e sentir dessas sociedades e que precisa ser valorizada, a fim de não cair no esquecimento e ser transformada, sem reflexão, pelos usos e costumes dos não índios. Esse foi o ponto de partida para a experiência pedagógica denominada por mim *Como os Kadiwéu viviam antigamente*.

A situação inicial diagnosticada

Para os Kadiwéu da Aldeia Bodoquena, a escola era o lugar para se aprender os conhecimentos dos "brasileiros" (é assim que eles se referem aos não índios). Eu percebia neles que sempre esperavam por castigos e o ensino de História que haviam recebido, até então, era marcado pela "decoreba" de datas, fatos e personagens, completamente alheios à realidade em que viviam. Não havia, até aquele momento, espaço para a reflexão e nem mesmo para um estudo de quem eram eles próprios ou o que os diferenciava dos não índios. A questão não era dizer que os "brasileiros" eram melhores ou piores que os índios, mas que eram diferentes e que essas diferenças poderiam ser apreendidas e refletidas nas aulas de História.

Os objetivos de ensino/ aprendizagem

Identificar relações sociais no seu próprio grupo de convívio, na localidade, na região, e outras manifestações estabelecidas em outros tempos e outros espaços; compreender que as histórias individuais são partes integrantes de histórias coletivas; dominar procedimentos de pesquisa escolar e de produção de texto, aprendendo a observar e colher informações.

O conteúdo curricular ensinado

Como surgiram o povo Kadiwéu e outros povos; como viviam os Kadiwéu antigamente; diferenças entre os próprios índios e entre índios e não índios.

A seqüência didática

Inicialmente, conversamos sobre os "tempos de antigamente" (essa expressão é a utilizada pelos índios para referências ao passado, nem sempre distante) e os estimei a falar sobre o que sabiam. Muitas histórias foram relatadas, mas sempre acompanhadas de expressões, tais como "Meu avô é quem sabe...", etc. A partir disso, resolvemos que as pessoas mais velhas da aldeia seriam entrevistadas pelos próprios alunos. Sugeri, então, seis temas: Moradia, Vestuário, Brinquedos, Alimentação, Guerras e Luto e pedi que cada um escolhesse um ou mais temas para pesquisar. Os alunos então foram para as entrevistas e voltaram delas cheios de histórias novas, que socializaram com os demais colegas. Entre essas histórias, surgiu o mito de criação dos Kadiwéu, que acreditam ter sido tirados pelo Criador (*Aneotedogoji*), assim como todo o resto da humanidade, de dentro de um buraco. Variações desse mito surgiram durante as apresentações dos resultados das entrevistas e isso me estimulou a falar com eles sobre a criação do mundo. A escola havia recebido um livro didático de História⁶ e eu aproveitei um dos capítulos (*Como tudo começou*) para conversar sobre o surgimento de homens e mulheres. Foi interessante perceber que mesmo entre os alunos indígenas evangélicos, existe a idéia de que se homens e mulheres vieram de Adão e Eva, esses devem ter saído de... um buraco! Não houve intenção de desqualificar nenhuma das interpretações (a mítica, a religiosa ou a científica), mas sim de conhecê-las, compreendê-las e perceber que todas são válidas, dependendo do ponto de vista que se adote. Após essa atividade propus aos alunos que refletíssemos sobre as diferenças entre as pessoas, diferenças essas que poderiam ser de poder (entre as lideranças indígenas e os liderados, por exemplo), de riqueza (entre os ricos e os pobres), físicas (entre as pessoas de um mesmo grupo étnico) ou étnicas (entre índios e não índios). O resultado foi a confecção de desenhos em papel sulfite.

Os recursos didáticos empregados

Além do livro didático, trabalhamos em sala de aula com a exposição oral das entrevistas pelos próprios alunos e a confecção de desenhos em papel sulfite. O quadro verde foi utilizado para a sistematização dos conhecimentos adquiridos.

Os resultados obtidos em termos de aprendizagem

Os alunos sentiram que o conhecimento sistematizado por eles sobre a sociedade indígena da qual fazem parte tem tanto valor quanto os conhecimentos adquiridos nos livros dos "brasileiros". Com isso, identificaram relações sociais no próprio grupo de convívio, na localidade e na região em que vivem. Perceberam, também, modos de vida muito diferentes que os Kadiwéu desenvolveram em outros tempos e outros espaços. Puderam compreender que as histórias individuais coletadas eram partes integrantes da história coletiva Kadiwéu. O mais importante, ao meu ver, é que tomaram conhecimento e aplicaram procedimentos de pesquisa escolar e de produção de texto, em que puderam aprender a observar e a colher informações, tornando-se (nas palavras dos próprios alunos) "antropólogos de si mesmos".

A avaliação dos resultados

A avaliação dos resultados foi feita em sala de aula, quando da exposição oral das entrevistas, da socialização e sistematização de conhecimentos adquiridos, da confecção dos desenhos e através de uma prova escrita em que aos alunos foi solicitada uma síntese do que haviam aprendido.

CONCLUSÕES

Se o diagnóstico inicial não foi exatamente animador, o mesmo não posso dizer dos resultados obtidos através dessa experiência de ensino com alunos e alunas Kadiwéu nas aulas de História. Trabalhando o conceito de diferença, todos compreenderam que não eram inferiores aos não índios, mas únicos e particulares. Anos de castigos físicos e psicológicos⁷ na escola, porém, deixaram marcas profundas na comunidade Kadiwéu. Vencer essa resistência foi outro grande desafio que se impôs ao meu trabalho como professor de História não índio entre eles. Senti que havia sido aceito pela comunidade não só quando homens e mulheres Kadiwéu, pais das crianças e jovens, pintaram as paredes da escola com motivos da arte dessa sociedade, conhecida internacionalmente, mas especialmente quando me batizaram de *Oyatogotelo* ("a luz que brilha longe", no idioma deles) e me disseram que quando seus filhos e netos estiverem dando aulas para as gerações futuras, a história da minha passagem e a de José Luiz (*Wanixogowe*, "o pássaro que voa alto") entre eles será contada nas aulas. Creio que não só meus alunos e alunas indígenas

aprenderam, mas eu também aprendi muito com essa "aventura" pedagógica. Aprendi, sobretudo, a enxergar melhor neles, tão diferentes de mim e ao mesmo tempo tão semelhantes, a riqueza da diversidade étnica e cultural de nosso imenso país.

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA⁸

BITTENCOURT, Circe. O ensino de História para populações indígenas. *Em Aberto*, Brasília, ano 14, n.º 63, jul./ set. 1994.

_____ (org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: História*. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para as escolas indígenas*. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terêna*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

CASAGRANDE, Ferdinando. De kailá a Oyatogotelo. *Revista Nova Escola*. São Paulo, edição 150, p. 64-66, mar. 2002.

FERREIRA, José R. Martins. *História: 5ª série*. São Paulo: FTD, 1997.

JOSÉ DA SILVA, Giovani. Delimitando fronteiras físicas, construindo fronteiras sociais e simbólicas: os Kadiwéu e a sociedade não indígena no século XX. *Anais do Seminário Fronteiras étnico-culturais, fronteiras da exclusão: o desafio da interculturalidade e da equidade*. Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), 2002a.

_____. Dias melhores virão: educação escolar entre os Kadiwéu, Kinikinao e Terena da Reserva Indígena Kadiwéu, município de Porto Murtinho, Mato Grosso do Sul. *Jahui – Boletim do Museu do Índio da Universidade Federal de Uberlândia (UFU)*, Uberlândia, ano 2, vol. 2, p. 17-18, 1999.

_____. No tear da memória: história da educação escolar entre os índios Kadiwéu, de Mato Grosso do Sul (1979-1999). *Anais do II Congresso Brasileiro de História da Educação*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), 2002b.

LOPES DA SILVA, Aracy, FERREIRA, Mariana K. L. (orgs.). *Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola*. São Paulo: Global/ FAPESP/ MARI, 2001.

_____. *Práticas pedagógicas na escola indígena*. São Paulo: Global/ FAPESP/ MARI, 2001.

RIBEIRO, Darcy. *Kadiwéu: ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza*. Petrópolis: Vozes, 1980.

SIQUEIRA JR., Jaime G. *Arte e técnicas Kadiwéu*. São Paulo: SMC, 1992.

_____. "*Esse campo custou o sangue dos nossos avós*": a construção do tempo e espaço Kadiwéu. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1993. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social).

NOTAS

¹ A experiência de ensino em História *Como os Kadiwéu viviam antigamente* valeu-me o Prêmio *Victor Civita 2001 – Professor Nota 10*, promovido pelo Grupo Abril (Revista Nova Escola) e Fundação Padre Anchieta, além do Prêmio *Educar para a Igualdade Racial*, em 2002, promovido pelo Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), com apoio das Fundações Ford e Kellog.

² Fonte: *Censo Kadiwéu 1998* – Prefeitura Municipal de Porto Murtinho – MS.

³ O processo histórico que engendrou as demarcações da atual "Reserva Indígena Kadiwéu" é objeto de estudo da dissertação de Mestrado que venho desenvolvendo no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS – Campus de Dourados). Com o título provisório *A construção física, social e simbólica do Território Indígena Kadiwéu: história, identidade e memória (1899-1984)*, o trabalho integra a Linha de Pesquisa História Indígena e conta com a orientação do Prof. Dr. Gilson Rodolfo Martins.

⁴ In: CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976.

⁵ TAUNAY *apud* CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976.

⁶ FERREIRA, 1997.

⁷ Cf. JOSÉ DA SILVA, 2002b.

⁸ Aqui cito tanto as referências bibliográficas utilizadas na experiência de ensino quanto as que serviram para a elaboração deste trabalho.